



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – CAMPUS V
COLEGIADO DE HISTÓRIA**

**A prostituição através do olhar de Margareth Rago, Magali Engel e
Beatriz Kushnir: entendendo a prostituição no Brasil do final do
Império e na Primeira República**

Poliana Santana Santos

**Santo Antônio de Jesus/BA
2022**

**A prostituição através do olhar de Margareth Rago, Magali Engel e
Beatriz Kushnir: entendendo a prostituição no Brasil do final do
Império e na Primeira República**

**Esse artigo é um Trabalho de
Conclusão de Curso apresentado à
Universidade do Estado da Bahia como
parte dos requisitos para obtenção do
título de licenciatura em história**

Orientadora: Profa. Dra. Nancy Rita Sento Sé de Assis

Santo Antônio de Jesus/BA

2022

Dedico esse artigo a minha querida mãe
Lúcia Amélia Santana Santos e às
minhas ancestrais que, infelizmente, não
me viram entrar na universidade. E não
me viram assumir minha sexualidade

FICHA CATALOGRÁFICA
Sistema de Bibliotecas da UNEB

S232p

Santana Santos, Poliana

A prostituição através do olhar de Margareth Rago, Magali Engel e
Beatriz Kushnir: entendendo a prostituição no Brasil do final do Império e
na Primeira República / Poliana Santana Santos. - Santo Antônio de
Jesus, 2022.

19 fls

Orientador(a): Nancy Rita Sento Sé de Assis.

Inclui Referências

TCC (Graduação - História) - Universidade do Estado da Bahia.

Departamento de Ciências Humanas. Campus V. 2022.

1. Prostituição no Brasil. 2. Gênero e História. 3. História social.

4. Primeira República. 5. Império.

CDD: 904

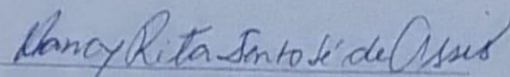
FOLHA DE APROVAÇÃO

Pollana Santana Santos

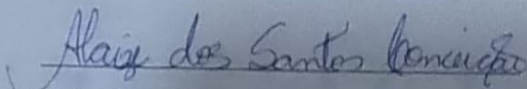
"A prostituição através do olhar de Margareth Rago, Magali Engel e Beatriz Kushnir: entendendo a prostituição no Brasil do final do Império e na Primeira República"

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Departamento de Ciências Humanas - Campus V da Universidade do Estado da Bahia, como requisito final para obtenção do título de graduada em História.

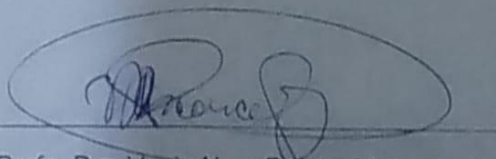
Banca examinadora:



Profa. Dra. Nancy Rita Sento Sé de Assis
Universidade do Estado da Bahia (Orientadora)



Profa. Dra. Alaíze dos Santos Conceição
Universidade do Estado da Bahia (Examinadora)



Profa. Dra. Vânia Nara Pereira Vasconcelos
Universidade do Estado da Bahia (Examinadora)

A prostituição através do olhar de Margareth Rago, Magali Engel e Beatriz Kushnir: entendendo a prostituição no Brasil do final do Império e na Primeira República

RESUMO: Esse artigo tem como objetivo abordar a prostituição através do pensamento de três destacadas historiadoras que trabalharam com o tema da prostituição. São elas: Margareth Rago, Magali Engel e Beatriz Kushnir. Através desse trabalho buscamos entender de que perspectiva cada uma delas tratou do tema. A temporalidade recortada, final do século XIX e na Primeira República, foi um período extremamente importante devido a atenção dada pelas autoridades brasileiras às questões relativas à prostituição.

Palavras-chaves: Prostituição, Império, República

ABSTRACT: This article aims to approach prostitution through the thinking of three distinguished historians who worked with the subject of prostitution. They are: Margareth Rago, Magali Engel and Beatriz Kushnir. Through this work we seek to understand from what perspective each of them dealt with the subject. The clipped temporality, at the end of the 19th century and in the First Republic, was an extremely important period due to the attention given by the Brazilian authorities to issues related to prostitution.

Keywords: Prostitution, Empire, Republic

Introdução

Antes de tudo precisamos entender o conceito de prostituição. No dicionário Aurélio existem duas definições. A primeira é atividade institucionalizada que visa ganhar dinheiro. Já a segunda, define prostituição como meio de vida principalmente ou complementar de cortesãs, prostitutas. A palavra prostituição vem do latim PROSTITUERE, também “ficar à frente de ‘de pro’” à frente mais STITUERE “colocar, instalar. PROSTITUERE tinha inicialmente a conotação de “expor publicamente”, como é o caso das profissionais que precisam fazer o marketing do próprio corpo. Daí evoluiu para “trocar sexo por dinheiro” e depois até “trocar princípios éticos por dinheiro ou outra vantagem. Esse artigo tem como comprometimento analisar as três principais autoras que trabalham com a temática da prostituição no Brasil: Magali Gouveia Engel, Luzia Margareth Rago e Beatriz Kushnir. Todas elas e todos os seus trabalhos têm várias coisas em comum que me chamaram a atenção, entre as quais destaco a temporalidade. Engel, Rago e Kushnir trabalham o final do século XIX e início do século XX, mas porque isso acontece? Confesso que essa temporalidade não foi minha primeira opção de abordagem. Admito que gostaria muito de trabalhar com o período do segundo reinado, mas me intrigava o porquê dessa temporalidade ser a escolha dessas historiadoras.

Ao optar, num primeiro momento, por estudar a prostituição brasileira no segundo reinado, porque sempre fui apaixonada pelo tema, fui buscar a bibliografia e pesquisar as fontes. Como todo e toda historiadora(or) questionei as fontes e tive um problema: descobri que a prostituição do início do século XIX foi muito pouco documentada. Então voltei a pesquisar a estudar e me deparei com esse período. Engel, Rago e Kushir, aliás todos os trabalhos que eu li sobre o assunto, trabalham com o final do século XIX e as primeiras décadas do século XX.

Essa temporalidade é muito rica para todos que trabalham com o tema da prostituição no Brasil. Entre outras explicações para o destaque dado à referida temporalidade, precisamos entender que nesse período a prostituição começa a ter um destaque maior na sociedade brasileira, principalmente na república recém-criada. Nas grandes cidades, como São Paulo e Rio de Janeiro, por exemplo, vão aparecer várias prostitutas de diferentes países de origem. Entre elas: polonesas, polacas¹,

¹ Polacas: Prostitutas judias

francesas, entre outras. Chama a atenção ainda o fato de a prostituição ser uma atividade predominantemente urbana e seus principais estudos se concentrarem nas capitais e nas grandes cidades. Todas as autoras que vamos trabalhar nesse artigo realizaram suas pesquisas discutindo a prostituição urbana.

Ainda falando em temporalidade, alguns estudos destacam o período em que as prostitutas vão se organizar. Segundo Souza, entre os anos de 1988 e 1997 vai surgir o jornal chamado *Beijo da Rua*, que ainda está circulando de forma digital, um dos apoiadores das prostitutas do país. (SOUZA, 2019) Não só o *Beijo da Rua*. Outros jornais, como o *Jornal da República* e o jornal *Movimento* também vão trazer notícias de apoio a essas mulheres. Nesse período as prostitutas começam a buscar por seus direitos tanto no Brasil como em outras partes do mundo. Na França, especialmente em Lyon, houve uma manifestação de um grupo de prostitutas. Essa manifestação vai ocorrer no dia 02 de junho de 1975 quando ficou marcado o dia internacional da prostituta. Já no Brasil, as prostitutas também foram para as ruas se manifestar contra a violência e melhorias nas suas condições de trabalho. O jornal *Movimento*, entre os dias 23 e 30 dezembro de 1979, publicou uma matéria cuja manchete era “A favor da organização e defesa das prostitutas”.

Historiadoras da prostituição no Brasil

No Brasil, Magali Engel foi a pioneira dos estudos sobre a prostituição. Ela vai trabalhar com a prostituição de 1840 até 1890 pois é nesse período que a prostituição vai crescer nas grandes cidades e a profissão de prostituta vai atrair a curiosidade de autoridades, juristas, médicos, entre outros membros na elite brasileira. Em seu livro, *Meretrizes e Doutores: Saber Médico e Prostituição no Rio de Janeiro 1840-1890*, ela vai abordar o caos da cidade do Rio de Janeiro, descrevendo a então capital do Brasil como uma “cidade doente”.

No Rio de Janeiro, na virada do século XX vão acontecer muitas mudanças. Mudanças na estrutura da cidade, mudanças sociais e mudanças sanitárias. A epidemia de peste bubônica em 1900 vai ser o primeiro caos na saúde da cidade do Rio de Janeiro. De acordo com Matheus Alves Duarte da Silva, ocorreram diversas epidemias de peste bubônica no Rio. Elas geralmente começavam em maio e terminavam em março do ano seguinte. Na epidemia de 1900, foram contabilizados 295 mortos. (DUARTE, 2013)

Dentro dessa “cidade doente” estava também a prostituição. Atenta a esse processo, Engel vai tratar da prostituição a partir da visão de médicos, juristas, mas principalmente do ponto de vista da medicina. Com o caos do Rio de Janeiro o governo não conseguia ter o controle sobre a atividade das prostitutas. Nesse contexto, a medicina veio com a ideia de controle do caos, posto que os médicos já tinham controle sobre as famílias, os casamentos, a criação dos filhos, as relações sexuais e as meretrizes.

Os médicos tinham controle das meretrizes porque o Rio de Janeiro vivia o surto de sífilis. E, para muitos médicos, a sífilis era considerada pior que a febre amarela ou a peste bubônica. Para os médicos conservadores, essa doença era considerada com o castigo de Deus para os homens e, para eles, a sífilis não poderia ser curada, pois muitos achavam que era a doença do sexo pervertido, sem intenção da procriação e realizado só com a intenção do prazer.

Para os médicos liberais, as meretrizes ou prostitutas eram necessárias para o desejo libertino do homem. A Partir disso a prostituta ela era vista como mercadoria que deveria ser inspecionada. Já que a prostitutas eram uma mercadoria, deveria ser inspecionada. Por outro lado, porque elas seriam a causa da sífilis, os médicos começaram a estudar a fundo a vida das meretrizes a fim de conseguir encontrar a cura para a sífilis. Essas mulheres passaram a ter consultas médicas agendadas e os seus corpos eram frequentemente vistoriados e, se elas apresentassem alguns sintomas de doença, eram afastadas das suas atividades.

Nesse período a prostituição era uma atividade muito lucrativa, principalmente para as mulheres que trabalhavam nesse mercado. Entretanto, a sociedade era hostil com as prostitutas ou meretrizes, pois as pessoas acreditavam que a prostituição era uma profissão fácil e de dinheiro fácil. Porém, mesmo sendo alvo da hostilidade da sociedade naquela época, a prostituição não foi combatida. A elite, segundo Engel, não conseguiu acabar com a prostituição, mas a prostituição foi regulamentada, principalmente com base no que dizia o saber médico. Para a medicina, a prostituição era normal e deveria ter suas regras dentro da lei. Por falar em leis, uma coisa curiosa que descobri, através das minhas pesquisas, é que a lei do *habeas corpus* foi uma lei da qual as prostitutas brasileiras do período muito se beneficiaram.

A regulamentação da profissão de prostituta não saiu do papel e muitas prostitutas foram levadas para zonas fora dos centros do Rio de Janeiro. A zona do mangue, por exemplo, é criada nesse período. Movimentar as prostitutas para zonas

afastadas da cidade vai ajudar o governo da cidade do Rio de Janeiro no controle dos corpos dessas meretrizes. Não só o governo, mas também os médicos.

A zona do mangue era uma zona que reunia todo o tipo de pessoas. Entre eles: bêbados, ex-escravizados, ladrões, assassinos. E, entre essas pessoas, as prostitutas. Outro ponto importante que se deve levar em conta sobre a zona do mangue é sua geografia. Sua localização, na zona portuária da cidade, deve-se em parte ao fato do predomínio da prostituição nas grandes cidades litorâneas.

A cidades litorâneas no Brasil sempre foram muito bem habitadas. Além disso, cidades litorâneas têm portos e, portanto, grande fluxo de marinheiros, de pessoas em trânsito e homens que visitam as cidades, entre outros aspectos. E a zona do mangue dentro da cidade do Rio não era diferente. Cristiane Schettini afirma que a zona do mangue vai ter um controle de repressão policial muito grande e constante. (SCHETTINI, 2013) A zona do mangue era a zona do chamado baixo meretrício carioca que ficava na região da cidade nova. A área era formada por bares, hotéis, e comércios que faziam contraponto com a prostituição. Dentro da zona do mangue a circulação de meretrizes era livre e elas eram aceitas nesse lugar.

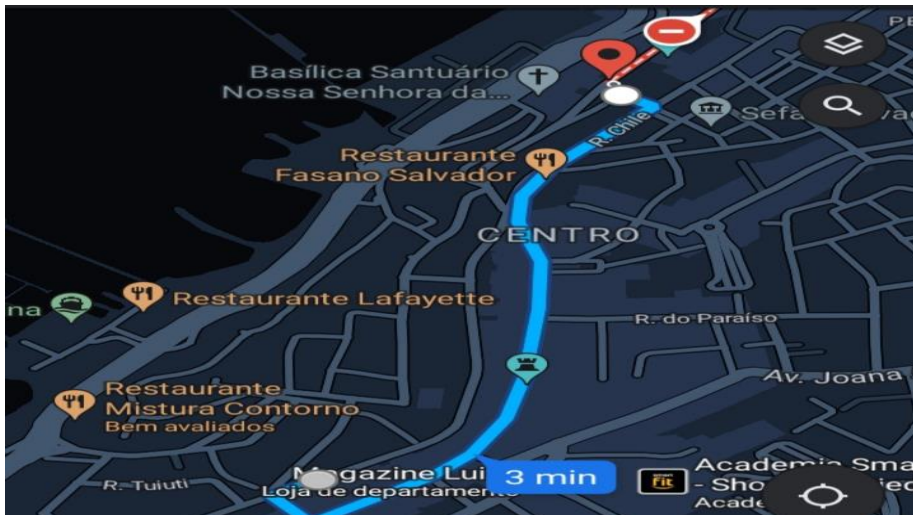
Como o mangue era uma zona afastada das principais ruas do centro do Rio de Janeiro, o contingente de prostitutas cresceu e se formou uma espécie de área para o exercício da prostituição em 1920. Já em 1924 foi determinado o fechamento da zona do mangue. Uma coisa curiosa que podemos destacar na zona do mangue é a movimentação de mulheres ex-escravizadas que também trabalhavam na zona do mangue. Acredito que é muito importante falar em ex-escravizadas e prostituição, pois sabemos que ao longo da história as escravizadas negras eram consideradas quentes e a cultura negra sempre foi reprimida. O lundu, por exemplo, era considerado uma dança sexual e devassa. Repleto de sensualidade e muito humor, o Lundu é uma canção/dança trazida pelos africanos escravizados vindos de Angola e do Congo no final do século XVII, resultado de uma mistura entre ritmos africanos com algumas características europeias, como o estalar dos dedos, a postura corpórea e o acompanhamento do bandolim. A dança era considerada pornográfica e muitos acreditavam que as mulheres que dançavam essa dança eram capazes de enfeitiçar quem as apreciava. A própria imperatriz Leopoldina recusava-se assisti-la.

No século XIX as mudanças da sociedade brasileira acontecem. A luta dos escravos continua com a abolição da escravidão. Em 13 de maio de 1888 a Lei Áurea foi sancionada pela Princesa Isabel. Lei que extinguiu a escravidão no Brasil. Porém,

os ex-escravizados foram jogados da senzala para o centro do país sem nenhum tipo de qualificação, a maioria deles precisou recorrer a trabalhos sem qualificação nas grandes cidades para prover a própria subsistência e das suas famílias. Nesse contexto, para muitas mulheres negras a prostituição foi uma forma de sobrevivência. Nélia Santana afirma que em cidades como Salvador, por exemplo, a prostituição estava ligada à igreja e às elites locais. Além disso, diferente das grandes cidades como Rio de Janeiro e São Paulo, onde existia prostitutas de várias origens, em Salvador quem exercia essa atividade eram ex-escravizadas, umas por instinto de sobrevivência, outras por conta da profissão mesmo. Salvador, uma cidade litorânea, também facilitaria o exercício da profissão.

Outro ponto que distingue Salvador do Rio de Janeiro e São Paulo, é que – como podemos ver com Engel, quando afirma o controle da medicina sobre a prostituição – em Salvador a prostituição não foi bem assim. Os médicos dentro da cidade de Salvador não interferiam muito na atividade das meretrizes. Sem avaliações médicas sistemáticas as prostitutas de Salvador tinham a possibilidade de se relacionar mais livremente com os seus clientes, amantes etc. Ainda sobre esse ponto que diz a respeito aos médicos e as prostitutas, na cidade de Salvador, percebemos que as famílias abastadas não eram muito atingidas pela prostituição, talvez por isso o desinteresse dos médicos pelo controle mais efetivo das prostitutas. Entretanto, a hostilidade contra as prostitutas era a mesma, por isso os reclames nos jornais eram constantes. O jornal *A Tarde*, por exemplo, publicava esses reclames, muitos deles eram enviados por indivíduos das elites da população soteropolitana.

Dentro da cidade de Salvador existiam pontos específicos destinados à prática do meretrício. A Ladeira da Montanha era uma zona muito famosa da prostituição em Salvador. A Ladeira da Montanha tem proximidade com o porto da cidade e é uma antiga zona de prostituição também considerada de chamado baixo meretrício. Em 1950 foi considerado o ano de ouro dos bordéis de Salvador. Quem procurava por sexo o encontrava facilmente na famosa ladeira. A prostituição na cidade de Salvador começava na Avenida Carlos Gomes, passando pela Rua Chile e chegando à Ladeira da Montanha.



Em Salvador, a prostituta mais destacada foi Maria Davina Rodrigues conhecida como Mãe preta. Mãe preta começou a se prostituir em 1939 quando tinha 15 anos. Ela trabalhou na casa de número 57, na Ladeira da Montanha perto do elevador Lacerda, e se tornou a prostituta mais famosa de Salvador. Segundo reportagem do jornal *A Tarde*, Mãe Preta foi a prostituta mais desejada e mais famosa da Ladeira da Montanha. A mesma reportagem diz que mãe preta se tornou um símbolo de solidariedade ao transformar um famoso prostíbulo em abrigo para os rejeitados da sociedade. (*A TARDE*, 22 de junho de 2015 p 1) Maria Davina Rodrigues faleceu no ano de 2015.

Sidney Chalhoub, no seu livro *Cidade febril: cortiços e epidemias na corte imperial*, descreve a cidade do Rio de Janeiro do final do Império e início da República. Antes da reforma da cidade o “caos urbano” era terrível, antes de ser conhecida como cidade maravilhosa, o Rio de Janeiro era cercado por cortiços, mais famoso deles foi o Cabeça de porco, um famoso e vasto cortiço no centro do Rio de Janeiro, perto de onde está, hoje, o túnel João Ricardo. À sua entrada, existia um grande portal em arcada encimado por uma cabeça de porco. Arcos, com cabeças de animais em gesso, eram comuns à época, em quintas e chácaras.

Os habitantes desses cortiços eram pessoas pobres, muitas ex-escravizadas. A localização desses cortiços era no centro da cidade. Com a reforma urbana da cidade do Rio de Janeiro no início do século XX, quando essas reformas foram baseadas na reforma da cidade de Paris, aconteceram as demolições dos cortiços. Com essas demolições os ex-escravizados negros foram obrigados a subir para os morros, dando origem às favelas do Rio de Janeiro.

Sem nenhum tipo de qualificação, sem empregos e com muitos ex-escravizados vivendo em subempregos, muitas mulheres negras foram para prostituição como forma de sobrevivência. Diferente da prostituição da *belle époque*, a prostituição das mulheres negras não era muito organizada, além disso, muitas mulheres negras faziam seus trabalhos em becos, vielas, entre outros espaços semelhantes da cidade, cuja geografia é considerada preciosa no Rio de Janeiro, a exemplo da Vila Formosa que era, e ainda é, um ponto muito famoso de prostituição na cidade.

Uma coisa que vale a pena ser colocada aqui sobre a prostituição das mulheres negras, e ex-escravizadas é que esse sistema também era válido para prostitutas caboclas, denominação para mulheres descendentes de casais de brancas/brancos e indígenas. Não existia diferença entre elas. Assim, ao mesmo tempo em que na atividade de prostituição das mulheres negras não existia um sistema de organização isso também se aplicava às prostitutas caboclas.

Voltando para as autoras destacadas para esse artigo, tratemos de Margareth Rago, historiadora que estuda muito bem sobre o tema, mas que, diferente de Magali Engel, aborda a prostituição na cidade de São Paulo. Não diferente do Rio de Janeiro, a cidade de São Paulo também vivia a *belle époque* brasileira. A economia da cidade vinha do café. Na segunda metade do século XIX o café chega às províncias do Rio de Janeiro e São Paulo. Em São Paulo ele se consolidou como base da economia do país e assim se estabeleceu no século XX. O café vai formar a chamada elite paulista, com homens e famílias poderosas. Com essa economia e a elite paulista chegam também as meretrizes ou prostitutas na cidade de São Paulo. Diferente de Salvador, onde não vai existir uma difusão muito grande de prostitutas estrangeiras, São Paulo vai passar por esse processo. Rago, no seu livro *Os prazeres da noite prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo 1890 -1930*, vai afirmar que as prostitutas francesas dominavam a cidade. “transar com uma prostituta francesa era transar com a própria França”. Na mesma obra ela destaca a emoção e a felicidade

do poeta Osvaldo de Andrade ao ver o desfile de uma prostituta francesa. “Oswaldo de Andrade, nos inícios dos anos de 1910, mal podia conter a emoção ao ser recebido efusivamente e regado a champanhe por Isadora Duncan, em um dos apartamentos do hotel.” (RAGO, 2008, p. 38)

Nesse primeiro momento a imaginação francesa vai excitar os homens da cidade de São Paulo. Os moldes franceses na cidade de São Paulo vão ser tão grandes que os bordéis vão seguir esses conceitos. No que, de seguir esses moldes francêss, os bordéis nesse período também vão alimentar a fantasia francesa dessa elite. O can can – dança francesa que se tornou popular nos salões de música na década de 1840, sendo associada aos cabarés franceses como o *Moulin Rouge*. Mais tarde foi levada para Londres e Nova Iorque, virando uma dança mundial – vai aumentar a diversão dos bordéis no início do século passado. Um ponto de suma importância que Rago vai tratar, também sobre esses bordéis, é o destacado luxo que vai ser uma característica constante desses lugares. Bebidas como champanhe e hábitos de fumar charutos vão fazer parte desse luxo em torno da prostituição paulistana.

Assim como o Rio de Janeiro, a capital paulista vai ter prostitutas de várias origens e a exportação delas vai acontecer de maneira muito forte na cidade. Mas as cocotes, como também eram chamadas as prostitutas, mais famosas de São Paulo eram as francesas. outro ponto importante que Rago deixa bastante claro é que, nesse período, o comércio paulista vai andar lado a lado com a prostituição. Os coronéis paulistas disputavam hotéis da cidade. O Grand Hotel, por exemplo, foi um dos marcos da arquitetura da época do café, construído pelo arquiteto alemão Von Puttkamer.

Não só hotéis, mas bares, cafés, entre outros comércios, funcionavam em torno das áreas de prostituição. Uma coisa importante também que Rago vai tratar é a prostituição como espetáculo. Em São Paulo, no início do século XX, era normal a chegada de prostitutas e desfile delas pelas ruas da cidade. Rago vai afirmar que esses desfiles aumentavam a fantasia sobre a prostituição na cidade.

Dentro do quadro do amor, Rago afirma que esses sentimentos estavam divididos. As mulheres casadas, por exemplo, eram basicamente donas de casa. Rago afirma que, para essas mulheres existia o chamado “amor puro”, já o prazer sexual de seus maridos era adquirido no bordel. Um ponto importante que podemos tratar sobre isso é que o bordel na cidade de São Paulo oferecia tudo isso para uma

sociedade do início do século XX. Rago destaca que o lugar de mulheres casadas, ou mulheres de família, era dentro de casa. Essas mulheres não poderiam ser vistas nas ruas desacompanhadas. Se por acaso uma mulher fosse vista nas ruas desacompanhada era vista como “mulher pública” ou muitas delas eram consideradas cortesãs, diferente da figura masculina, que a sociedade descreve como a figura do trabalhador e do indivíduo político, segundo o ideário liberal.

Para a sociedade da época em apreço, a liberdade da figura da “mulher honesta” estava sempre limitada, no plano simbólico, pela presença da meretriz, dimensão que não constituiu uma barreira de ação para o homem. Nesse caso, caberia ao homem a decisão sobre a vida da mulher, pois ele é o chefe da família e o principal contribuidor financeiramente da família e sua autoridade tem que ser respeitada dentro de casa. Já o papel da mulher é o de administradora doméstica da família dos filhos e do dinheiro. Mas do dinheiro em pequenos negócios, como: administração da casa, abastecimento de alimentos, compras de roupas, necessidades que os filhos tinham. Os grandes negócios estavam ainda na decisão dos homens.

Uma questão importante que Rago vai tratar é a relação entre a prostituição e a explosão de cafés, de concertos com seus shows de strip-tease, circulação de revista pornográficas e o consumo de drogas. Rago também aborda a presença das mulheres negras no contexto da prostituição na cidade de São Paulo, onde as meretrizes negras – consideradas “quentes” e estigmatizadas como mulheres sexualmente imorais – foram substituídas rapidamente pelas prostitutas estrangeiras.

Sabemos que no Rio de Janeiro a presença da população negra era maior do que na cidade de São Paulo, onde, no começo do século XX percebemos a figura de várias prostitutas estrangeiras, com o predomínio das prostitutas francesas. A presença dessas prostitutas francesas instituía a imagem da mulher mais sedutora e poderosa que, para os mais conservadores, ameaçava os bons costumes da sociedade e as famílias de bem. Para muitos homens, a sedução dessas mulheres era irresistível. Entretanto, para os homens que tinham a classe social mais elevada e os homens que tinham a posição privilegiada na sociedade, era civilizadora a presença dessas meretrizes.

As meretrizes francesas, dentro daquela sociedade paulistana, tinham uma posição de privilégio, pois elas faziam mais sucesso na cidade boêmia. O imaginário francês impregnava o imaginário social da alta sociedade de São Paulo. Outro ponto

destacado por Margareth Rago é a visibilidade feminina que dedica um capítulo do livro à problematização da questão da comercialização sexual dos corpos femininos. Tratamos sobre o assunto quando falamos sobre Magali Engel, mas Rago também se debruça sobre a mesma questão, argumentando que o século XIX fortalece a ideia das referências médicas e policiais da figura da prostituta, que poderá ser estrategicamente redefinida, aparecendo como parâmetro de limite para o comportamento feminino no espaço urbano.

Em seu livro, *Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar e a resistência anarquista - Brasil 1890-1930: A utopia da cidade disciplinar e a resistência anarquista*, Rago debate sobre a dificuldade que os anarquistas tiveram no processo de industrialização. Na mesma obra, no capítulo 2, Rago vai tratar da colonização da mulher, e como a mulher foi criada para ser uma mulher “bela, recatada e do lar”. Uma mulher que deveria criar os seus filhos, que tinha como dever cuidar do seu marido e criar seus filhos.

A promoção de um novo modelo de feminilidade, a esposa, dona de casa. Mãe de família e uma preocupação especial com a infância, percebida como riqueza em potencial da nação, constituíram famílias. Cabia à mulher anteder os mínimos detalhes da vida cotidiana de cada membro da família. (RAGO, 2009, p. 4)

Ao mesmo tempo que Rago vai tratar sobre a questão do controle do corpo da mulher, já que as mulheres eram criadas numa sociedade que limitava seus corpos com base em critérios da sociedade patriarcal. O próprio limite do comportamento feminino, por exemplo, é um conceito de controle dos corpos femininos. Um ponto importante que a Rago vai tratar é sobre a imagem da prostituta. Percebemos que as prostitutas mais ricas sempre vão ter roupas mais chiques. Margareth Rago afirma que essas prostitutas usavam tecidos vindos da França, adereços caros entre outros objetos que vão deixar a imagem delas mais “chique”. Já as prostitutas pobres (principalmente as ex-escravizadas) eram diferentes das prostitutas ricas. Elas não teriam muito dinheiro para esses “mimos” e usavam as roupas e acessórios que tinham. Esse aparente detalhe lembra as diferenças de classes sociais entre as prostitutas e, conseqüentemente, entre os frequentadores das diferentes casas de prostituição.

Beatriz kushnir, a última historiadora de que iremos tratar esse artigo, realizou, em sua tese de doutorado, um estudo sobre as prostitutas judias vindas do leste europeu, as chamadas polacas. Mas o seu trabalho é muito especial porque ela trabalha com memórias esquecidas. Quando falamos sobre as polacas e,

principalmente, em casos que diz respeito à prostituição, cabe lembrar que para o judaísmo a prostituição é proibida.

Não só para o judaísmo, mas as demais religiões monoteístas, a relação sexual não é bem-vista antes do casamento. Para essas religiões o sexo antes do casamento é uma prática pecaminosa, e ainda pior a prostituição. Prostituição e religiões monoteístas não se encaixam bem. No judaísmo está escrito na torá que o sexo é uma forma de reprodução, não era para ter prazer, mas sim para ter filhos. De acordo com Davidson, a civilização ocidental se rebelou contra a doutrina

imperante que as expressões físicas do amor são “profanas” e defendeu, em seu lugar, o “amor livre”. A ideologia da Torá, que é radicalmente distinta de ambos os extremos revela a espiritualidade do amor físico. O sexo é mais que um ato de diversão ou reprodução. Possui, mesmo nos círculos mais seculares, a característica de “experiência espiritual.” Está investido de poderes que outros atos físicos não possuem. É um sinal de compromisso, uma ponte para a intimidade. E neste potencial para elevação encontra-se também a raiz de sua vergonha. Eis por que a palavra para prostituta é a mesma de “sagrada.” São lados opostos de uma mesma moeda. (DAVIDSON, 1985, p. 2)

Diante disso, a comunidade e religião judaicas proíbem a prostituição e as próprias prostitutas. Assim, para a comunidade de judeus e judias é de suma importância esquecer essas memórias. Mas antes de tudo precisamos esclarecer algumas questões importantes, como, por exemplo, quem são as polacas, de onde vieram, o que elas vieram fazer no Brasil e onde viveram.

Segundo Beatriz Kushnir, as polacas eram mulheres originárias de países do Leste europeu, principalmente da Armênia, de onde muitas vieram fugidas do genocídio armênio. Essas mulheres vieram para o Brasil com a promessa de casamento, mas eram enganadas e obrigadas a se prostituir. Essas prostitutas vêm também da Polônia, principalmente durante a Segunda Guerra Mundial quando os poloneses sofreram muito. A própria Kushnir tem descendência polonesa judia. Essas mulheres, como modo de sobrevivência, se passavam por francesas para agradar seus clientes. Em seu livro *Baile de máscaras: mulheres judias e prostituição: as polacas e suas associações de ajuda mútua*, Kushnir analisa a vida dessas polacas no Brasil. Suas trajetórias, suas experiências com a prostituição e suas formas de organização em associações onde buscavam amparar umas às outras. Entre as

formas de amparo, destacavam-se os funerais conseguidos através daquelas organizações, pois as polacas não poderiam ser enterradas em cemitérios judeus.

Segundo o livro do pentateuco da Torá, em Deuteronômio 23: 17 e 18, "nenhum israelita, homem ou mulher, poderá tornar-se prostituto cultural. Não tragam ao santuário do Senhor, o seu Deus, os ganhos de uma prostituta ou de um prostituto, a fim de pagar algum voto, pois o Senhor, o seu Deus, por ambos tem repugnância". Em outubro de 1906 as judias prostitutas fundaram a primeira instituição de caráter feminista do país, o Cemitério Israelita de Inhaúma, na cidade do Rio de Janeiro. Em São Paulo as polacas compraram 800 metros quadrados em Cubatão onde, em 1929, também fundaram um Cemitério Israelita, no qual os restos mortais das polacas podiam encontrar sepultamento digno.

Considerações finais

As polacas são tão importantes para a sociedade que até hoje elas são lembradas. O cantor e compositor Moreira da Silva se apaixonou por uma polaca e fez uma música em homenagem a seu amor. O nome da canção chama-se judia rara.

A rosa não se compara
a essa judia rara
criada no meu país
rosa de amor sem espinhos
diz que são meus carinhos
e eu sou um homem feliz

Os olhos dessa judia
cheios de amor e poesia
dorme o mistério da noite
brilha o milagre do dia”

Atualmente os cemitérios do Rio de Janeiro e São Paulo s estão tombados, mas algumas lápides foram removidas e espalhadas por outros cemitérios. O melhor cemitério que encontramos das polacas é o da cidade de São Paulo. Dentro da cidade de São Paulo existiam dois cemitérios das polacas. O *Santana chorar menino*, que hoje não existe mais, e o de Cubatão, considerado o melhor cemitério delas que

podemos encontrar. Em 1972 o terreno foi desapropriado e os familiares que quiseram tirar os restos mortais de seus entes queridos puderam retirá-los, realizando outro enterro por conta própria. Nesse processo, muitas lápides ficaram sem identificação até o final dos anos 1990, quando a associação de cemitérios de São Paulo entrou em contato com a própria Beatriz kushnir para auxiliar na localização de documentos e identificação daquelas pessoas.

No Rio os cemitérios estão bastante abandonados. Em 2005 o ex-prefeito Cesar Maia fez o tombamento provisório. Em 2009 o prefeito Eduardo Paes fez o tombamento definitivo do Cemitério das Polacas do Rio de Janeiro. A associação de cemitérios judaica do Rio de Janeiro colocou nomes em algumas lápides, mas existe a tentativa de apagar a memória dessas mulheres. O fato é que até hoje, em 2022, a comunidade judaica, tanto do Rio de Janeiro quanto de São Paulo, ainda não se sensibilizou para “ressuscitar” a memória das prostitutas polacas.

Acredito que, através desse artigo deixamos claro a visão das três autoras sobre a prostituição no Brasil entre o final do Império e a Primeira República. Magali Gouveia Engel, pioneira dos estudos sobre os corpos das prostitutas, principalmente no que tange ao controle dos seus corpos e como a sociedade tentava controlar esses corpos. Luzia Margareth Rago, que discute sobre a sociedade em São Paulo no início do século XIX. Mas um ponto que me chamou atenção da Rago é que ela bebe da fonte da Engel, mesmo que não reparemos de imediato e ainda que ela não aborde especificamente sobre o controle dos corpos. Por fim, a Beatriz kushnir debatendo sobre as prostitutas polacas, as mais importantes da sociedade de São Paulo. Acredito que, através desse artigo, fica muito claro a linha de pesquisa de cada uma dessas autoras, pesquisadoras, historiadoras, mas, ao mesmo tempo, também identifica questões sobre as quais essas linhas de pesquisas se encontram, se encaixam e dialogam. Assim, como as peças de um quebra-cabeça.

Referências bibliográficas

Rago, Margareth, ***os prazeres da noite: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo, 1890-1930***/Margareth Rago – São Paulo: paz e terra 2ª edição.

Engel Magali, ***Meretrizes e Doutores. Saber Médico e Prostituição no Rio de Janeiro 1840-1890***/Magali Engel – Rio de Janeiro: editora Brasiliense 1ª edição

Kushnir Beatriz, ***Baile de Máscaras: Mulheres Judias e Prostituição***/ Beatriz Kushnir- São Paulo 1996: editora Imago Editora 1ª edição

Rago, Margareth, ***do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar e a resistência anarquista - Brasil 1890-1930: A utopia da cidade disciplinar e a resistência anarquista - Brasil 1890-1930***/Margareth Rago – São Paulo 2009 2º edição

AUTOR: Nélia Santana ***Título: A prostituição feminina em Salvador (1900-1940), 1996.*** Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal Da Bahia - 1996

SCHETTINI, Cristiana. ***Clichês baratos: sexo e humor na imprensa ilustrada carioca do início do século XX. Campinas:*** Editora da Unicamp, 2020.

LENZ Flavio, ANDRADE Ana Beatriz, AQUINO Henrique. ***Beijo da rua, um jornal com a voz das prostitutas.*** UNESP. 2015

Silva. Claudielle. ***“Eu vou tirar você desse lugar”:*** ***sociabilidade e remoção das prostitutas da Zona do Mangue entre as décadas de 1960-1970.*** Rio de janeiro 2012.

Glasman. Jane. ***AMOR, SEXO E CASAMENTO NO JUDAÍSMO.*** São Paulo, 1999

Souza, Gabriel. "Fala mulher, da vida": **Representações da prostituição no jornal *Beijo da rua (1988-1997)***, Rio de Janeiro, 2019

SCHETTINI, Cristiana. **"Que tenhas teu corpo": uma história social da prostituição no Rio de Janeiro das primeiras décadas republicanas**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2006.

Chalhoub, Sidney. **Cidade Febril Cortiços e epidemias na corte imperial**. Sidney Chalhoub, editora Companhia das Letras. Rio de Janeiro, 2018 2ª edição

DALTRO, EUZANI. **Veterana Mãe Preta fez história na Montanha**, à tarde. Disponível em: <<https://atarde.com.br/bahia/bahiasalvador/veterana-mae-preta-fez-historia-na-montanha-708862>> acesso em: 23 de junho de 2022